

A adolescência é uma etapa da vida crucial para o desenvolvimento humano, marcada por algumas particularidades. Não se trata apenas da transição entre a vida infantil e a vida adulta, vai muito mais além. Segundo Osório (1992), é uma fase da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere nesse processo, sobretudo, como um elemento estruturador da identidade do adolescente. Daí a necessidade de buscarmos conhecer melhor os mitos, tabus e a realidade da sexualidade para que possamos abordá-la de forma mais tranqüila com os adolescentes, de manter um diálogo franco e entender as manifestações dessa sexualidade aflorada e própria da idade. A sexualidade está presente em todas as faixas etárias. Normalmente, o que acontece é a negação por parte da sociedade, na maioria das vezes por não saber como lidar. A escola, querendo ou não, depara-se com situações nas quais é chamada a intervir. A dificuldade que a escola traz se fundamenta na idéia de que esse tema deve ser tratado exclusivamente pela família. De fato, mesmo sem querer, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e adolescentes. Mesmo aquelas que não falam abertamente sobre esse assunto, estão passando valores, e, mesmo no "discurso silencioso", estão mostrando como a sexualidade é vista/vivida dentro de casa (BRASIL, 2002). A Educação Sexual na escola deve se dar no âmbito pedagógico, não tendo, portanto, um caráter terapêutico. O trabalho deve ser compreendido como um espaço para que, através de dinâmicas, se possa problematizar temáticas, levantar questionamentos e ampliar a visão de mundo e de conhecimento. Percebe-se que a não satisfação das curiosidades das crianças e adolescentes a respeito da sexualidade, gera ansiedade e tensão, pois são questões muito significativas para a subjetividade de cada ser. A oferta, por parte da escola, de um espaço onde os alunos possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para o alívio da ansiedade que, muitas vezes, interfere no aprendizado dos conteúdos escolares. É notável que apenas a prevenção por si só, não dá conta de suprir as curiosidades e angústias desencadeada pelo adolescer, fazendo-se necessário um trabalho amplo, englobando a promoção de saúde, que tem se mostrado um mecanismo importante ao falarmos de saúde, qualidade de vida e bem estar. Dessa forma, o presente trabalho apresenta o relato de experiência de residentes integrantes da Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade (RMSFC) da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) atuantes junto a quatro equipes de Estratégia de Saúde da Família (ESF) da cidade de Lages/SC, em parceria com o Programa de Atenção à Sexualidade na Infância e Adolescência na Rede Pública de Ensino de Lages/SC. A proposta da ação em saúde se desenhou a partir da demanda elencada por representantes de uma escola estadual do bairro, em reunião da comunidade que acontece mensalmente, coordenada por membros da equipe da Unidade de Saúde da Família (USF), onde foram expostas algumas das dificuldades dos profissionais da rede de ensino em trabalhar questões pertinentes a sexualidade de seus alunos. A partir disso, psicólogos e enfermeiros residentes assumiram o desafio e buscaram parceria junto a um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade já referida, intitulado "Programa de Atenção à Sexualidade na Infância e Adolescência" cujo objetivo é promover discussões que sensibilizem os adolescentes a refletirem sobre a sua própria sexualidade, buscando ampliar a percepção sobre os cuidados com o corpo e o conhecimento acerca dos direitos sexuais e reprodutivos em escolas do município. Assim, de agosto a dezembro de 2009 foram realizadas oficinas de educação em saúde com estruturação de encontros quinzenais, com turmas de 7ª e 8ª série do ensino fundamental, que tinham como objetivo possibilitar espaço para discussões e questionamentos acerca da sexualidade dos adolescentes, bem como, sensibilizá-los para a adoção de práticas sexuais seguras, saudáveis e responsáveis. O local para o desenvolvimento das atividades foi a própria escola que disponibilizou toda sua infraestrutura física, destacando-se as salas de aula, salas de vídeo e biblioteca. O espaço a ser utilizado

era definido conforme atividade a ser realizada e previamente agendado com direção e professores da escola. Foram utilizados equipamentos de mídia como aparelho de televisão, DVDs, aparelho de som (disponibilizados pela escola), modelos de aparelho reprodutor masculino e feminino (já adquiridos pelo projeto), folders e banners informativos; como recursos empregaram-se dinâmicas, jogos didáticos, simulações do uso de métodos contraceptivos, dramatização, júri simulado, entre outros. Salienta-se que os adolescentes tiveram participação ativa em todas as etapas do processo. Foram realizadas 10 oficinas com duração de 1h30min cada. As temáticas abordadas compreenderam o uso de métodos contraceptivos, planejamento familiar, homossexualidade, questões de gênero e AIDS/DSTs. A primeira oficina realizada voltou-se a apresentação da proposta com posterior levantamento das principais dúvidas dos adolescentes, para que pudesse nortear os encontros seguintes. Utilizou-se como método de apresentação e integração a dinâmica “Qual é o animal?”. A partir desta, os participantes foram convidados a escolher animais com características com a qual se identificassem para que o grupo pudesse se conhecer e perceber as características comuns entre os pares. Na segunda oficina foram discutidas algumas das questões levantadas através da “Caixinha de Dúvidas”, implementada no primeiro encontro e utilizada durante todo processo. Os participantes foram divididos em grupos temáticos, onde procuraram responder as questões levantadas, num segundo momento, já com o grande grupo, foi solicitado que os mesmos socializassem as discussões. Quando necessário foram realizadas intervenções dos profissionais que acompanhavam a fim de auxiliar o entendimento. No terceiro e quarto encontro foi proposta a oficina denominada “Correio Sentimental”, onde o grupo foi dividido em quatro equipes e cada um recebeu um caso (abordando os temas métodos contraceptivos e gravidez na adolescência), para que discutissem e apresentassem os possíveis encaminhamentos para cada situação. No quinto encontro foram apresentados vídeos sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino e sobre métodos contraceptivos. No sexto, foi dado início a temática DST's e realizada uma oficina onde se trabalhou com folders explicativos sobre DST's e roda de conversa. No sétimo encontro foram apresentados vídeos sobre DSTs's e HIV/Aids e a metodologia utilizada foi júri simulado e dramatização. No oitavo encontro o grupo foi dividido em cinco equipes e foi realizado um jogo denominado “Maratona de perguntas” que contemplavam todas as temáticas trabalhadas. No nono encontro foi trabalhada a temática de gênero e se propôs a construção de cartazes com coisas de homens e coisas de mulheres sendo posteriormente problematizado. No décimo encontro foi feita uma “avaliação” dos participantes sobre as oficinas e realizado encerramento com cerimônia e distribuição de certificados de participação. Uma das principais dificuldades encontradas pelos facilitadores foi a resistência dos professores, que foram convidados a participar das oficinas no início das atividades, mas raramente permaneciam na sala de aula e quando o faziam, aproveitavam para corrigir provas e trabalhos, não participando das discussões, sendo assim, percebe-se a dificuldade dos mesmos em trabalhar conforme preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Orientação Sexual, (1996, p. 06) “A Educação Sexual na escola deve se dar no âmbito pedagógico, não tendo portanto, um caráter terapêutico”. O trabalho deve ser compreendido como um espaço para que, através de dinâmicas, se possa problematizar temáticas, levantar questionamentos e ampliar a visão de mundo e de conhecimento. A escola deve discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes na nossa sociedade, relacionados à sexualidade. Isso, sem ditar normas de “certo” ou “errado”, o que “deve” ou “não deve” fazer ou impor os seus valores, acreditando que é melhor para o seu aluno - o que pode não ser! O papel do professor é ser mais um “dinamizador de idéias” do que um “expositor da matéria”. Percebe-se ainda que as limitações dos docentes para abordar a temática podem estar relacionadas com o entendimento a respeito do conceito de sexualidade, ou seja, sexualidade não se limita apenas ao ato sexual, conforme Serrão e Baleiros (1999) refletir sobre sexualidade humana é ir além do biológico, é compreendê-la como expressão afetiva, envolvendo emoções, sentimentos, atitudes, crenças e

valores que representam um tempo, um espaço e uma cultura singulares. Diante disto, sugere-se a continuidade das atividades com novas tentativas de incluir o maior número de professores possível, tornando os mesmos parceiros e consequente disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora com os adolescentes.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.